

A saudade portuguesa e a nostalgia suíça - Hugo Loetscher

O porto de Lisboa. Na época dos descobrimentos. Um jovem mercenário suíço quer embarcar numa das caravelas. Mas já não encontra vaga. Então nasce a seguinte conversa entre ele, o marinheiro-cabo português e o astrónomo Gonçalves, um cristão-novo:

“Se tantos embarcam,” gritou o jovem, “entre todos esses soldados e feitores, malandros e missionários, aventureiros e mercadores, funcionários, gatunos, artesãos e aproveitadores, esses e outros mais, então tem de haver lugar para alguém como eu.” Mas o jovem fez logo um gesto de desalento com a mão, como que abandonando ele próprio tais esperanças: nem ele sabia muito bem por que motivo queria embarcar. Talvez isso fosse devido à sua doença. Então a curiosidade de Gonçalves tornou-se bem pragmática: ele não era apenas astrónomo, e não só calculava como astrólogo as constelações favoráveis às saídas dos navios e às suas rotas, também era médico e como tal estava convencido que era possível estabelecer um mapa dos nervos do corpo humano como para as estrelas.

“Porque não,” respondeu o jovem. Tratava-se de uma doença suíça, em todo o caso assim era chamada em França, “une maladie suisse”. Isto porque atacava particularmente os suíços. Quando os seus compatriotas mercenários, prestando serviço no estrangeiro, ouviam tocar instrumentos de música da pátria, começavam a chorar e as lágrimas brotavam dos seus olhos mesmo que estivessem sóbrios e todos se lembravam das suas aldeias e cidadezinhas. A ele, a doença não lhe dava vontade de voltar para a sua terra, antes de ir para longe; não para onde fora o seu lar, mas para onde houvesse outros lares. Não que procurasse um novo lar, queria antes descobrir tudo o que poderia ser um lar. Mas quem entenderia este tipo de maladie? Gonçalves assentou com a cabeça: ele descendia de uma raça que sempre fora obrigada a curar o estranho com o estrangeiro.

Depois Gonçalves perguntou pelos sintomas da doença. Mas o jovem suíço hesitou: ela nem sequer se deixava localizar. Ele, por exemplo, poderia senti-la como uma dor no peito, como se este se rasgasse, ou como uma turvação da vista, ou como uma pontada nas fontes, e quando achava que a apanhava, pondo a mão no joelho, ela passava para o cotovelo; era uma doença errante que percorria o seu corpo à procura de um lugar onde se instalar e ficar doendo nele de uma vez por todas.

O primeiro oficial perguntou se essa doença seria contagiosa. E Gonçalves observou que era uma espécie de melancolia procedente do fígado, dos humores negros que este órgão segregava e que se difundia pelo sangue. O jovem reflectiu se seria essa a razão por que no seu país as pessoas mortificavam o fígado com álcool. O mestre insistia em perguntar se seria uma melancolia que tornava as pessoas ora animadas ora tolas, que tanto podia estimular o espírito como anuviar o pensamento. “Uma melancolia que se manifesta quando começa um novo dia e que aumenta ao anoitecer, e que não precisa de sono, por isso passa todas as noites em branco; uma tristeza que atinge também as plantas, de forma que depois não se saberá se murcharam ou se morreram de frio.” Eles também tinham uma doença semelhante, a “saudade”; só que era intraduzível. E Gonçalves acrescentou: “Todas as grandes doenças são intraduzíveis; tão intraduzíveis quanto incuráveis.”

E foi assim que um jovem suíço e um português vivido começaram a comparar as suas doenças da saudade. Uma originava nas montanhas, a outra à beira-mar. Um deles conhecia a luminosidade dos glaciares, o derreter da neve e as avalanches; o

outro conhecia o fogo-de-santelmo, o naufrágio e as marés vivas. O primeiro cuidava de uma floresta que protegia um povoado do deslizamento das avalanches, o outro construía diques. Um possuía pastagens alpinas, o outro baías. Um seguia o curso de um riacho de afluente em afluente, sobre cataratas e barragens, através de lagos até às planícies e de lá até ao mar. Era lá que o outro estava sentado. E este deixava a praia, a areia e os rochedos, navegando ao longo de promontórios, conhecendo baixios e redemoinhos, estudando o percurso das correntes para abordar a um litoral onde se sentava de novo, pensando no próximo mar. Um bradava o seu sofrimento às montanhas, mas estas eram feitas de pedra e com as suas paredes rochosas, glaciares e picos, nada ouviam, antes devolviam três ou quatro vezes tudo o que contra elas era gritado, e algumas eram até famosas pelo seu eco. Já o outro gritava a sua dor pelo mar adentro e o vento levava-a e ele, sentindo-se privado do seu lamento, construía uma navio para navegar na direcção para onde o vento soprara o seu pranto.

Depois de terem comparado as suas saudades, o mestre bateu nos ombros do jovem suíço e nomeou-o um português de água doce.

in Hugo Loetscher, Die Papiere des Immunen (Os Papéis do Imune), Diogenes Verlag, Zurique, 1986.